

A POLICROMIA DE JOSÉ JOAQUIM DA NATIVIDADE NA IMAGINÁRIA DA REGIÃO DOS CAMPOS DAS VERTENTES E SUL DE MINAS

CARLOS MAGNO DE ARAÚJO*

Nascido em São João del-Rei, provavelmente na segunda metade do século XVIII, pouco ainda se sabe sobre a vida de Joaquim José da Natividade.

Judith Martins, em seu “Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais”¹, faz referência ao artista como apenas executante de trabalhos menores no Santuário de Congonhas, entre 1785 e 1790. Myriam Ribeiro² sugere a possibilidade de Natividade ter aprendido seu ofício com João Nepomuceno Correia e Castro, artista responsável pelas pinturas da nave e capela-mor do santuário de Congonhas. Após ter encontrado uma nota informativa sobre a história da Igreja Matriz de São Tomé das Letras, procedente de uma fonte do século XIX, o “Almanaque Sul Mineiro para 1884” de Bernardo Saturnino da Veiga que atribuiu as pinturas da referida igreja a “Joaquim José da Natividade, natural de São João del-Rei...”, Myriam Ribeiro, através de confronto estilístico, identificou dois novos trabalhos deste artista, ou seja, as pinturas das naves das Matrizes de São Miguel em Arcângelo e Nossa Senhora da Conceição em Conceição da Barra de Minas.³

Atualmente, já identificamos, também por confronto estilístico, inúmeras obras de Natividade distribuídas por várias localidades da região dos Campos das Vertentes e Sul de Minas, podendo-se citar: São João del-Rei, Lavras, Prados, Liberdade, Carrancas, São Vicente de Minas, Baependi, dentre outras.

No decorrer de nossa pesquisa, a cada localidade onde nos deparávamos com a palheta inconfundível de Natividade, começamos a perceber uma grande semelhança nos partidos dos templos bem como no risco dos retábulos, cuja talha se apresentava com a mesma volumetria e repetição de elementos. Tamaña afinidade entre esses templos nos fez indagar a possibilidade da existência de uma escola, ligada ao nome de Joaquim José da Natividade que, aglutinando mestre de obras, pintores e entalhadores, erigiram muitos monumentos nessa região.

Um outro fator que nos chamou a atenção foi a constância de imagens, distribuídas pelas localidades e templos onde se manifesta a presença de Natividade, com características afins de policromia.

Essas imagens se destacam das demais pela exuberância da policromia, cujo tratamento esmerado se deve a mãos extremamente hábeis, que possuíam a capacidade de miniaturizar com perfeição elementos complexos, como rocalhas e arranjos florais.

O douramento, nessas imagens, quase sempre recebe punção, e o esgrafiado é bastante variado, embora os motivos se repitam em peças diferentes. As túnicas e os lados direitos dos mantos recebem douramento total ou parcial, e, sobre este, desenvolvem-se medalhões tramados em rocalhas ou ramagens, com luz e sombra ou tons em degradê. As cores empregadas nesses medalhões variam de acordo com a iconografia da imagem, mas, talvez pelo tratamento cromático, mesmo santos de ordens religiosas, como por exemplo Santo Antônio (em cujas vestes predomina o marrom), adquirem efeitos extraordinários pelos degradês e esgrafiados. As túnicas e/ou mantos das imagens que não representam santos de ordens religiosas recebem ainda, entre um e outro medalhão, arranjos florais que se constituem sempre por três flores



* Conservador/Restaurador

1. C.F. Judith MARTINS. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. 2º vol. Rio de Janeiro, 1974, p. 67.

2. C.F. Myriam RIBEIRO. *A pintura de perspectiva em Minas Colonial - Ciclo Rococó*. In: *Revista BARROCO*, nº 12, Belo Horizonte, 1982/83

3. *Idem*. p. 176.



4. Os pesquisadores Edemilson Barreto Marques e Aluizio José Viegas vêm identificando por confronto estilístico, a partir de uma imagem com documentação de autoria de Valentim Corrêa Paes, dezenas de outras imagens, na região de São João del-Rei, com características irrefutáveis do autor.

principais (uma rosa e duas dalias) com variações em azuis e vermelhos. Essas flores estão presentes em todos os forros, camarins e arranjos pintados por Natividade, o que de certa forma pode ser quase considerado como sua assinatura.

Característica marcante também nessa imaginária é o emprego do metalizado, isto é, a aplicação de velatura colorida sobre a folha de ouro ou prata. Este recurso é sempre usado pelo pintor para os avessos de mangas e mantos ou para asas de querubins. Algumas vezes, estampa pequenas ramagens e flores ou, no caso de asas, finos traços imitando penugem, entre o foleamento e a velatura colorida, criando assim um curioso efeito.

As imagens, em sua quase totalidade, possuem tratamento porcelanizado nas carnações e próximo aos cabelos e barbas; delicados fios avançam sobre a carnação, dando maior leveza e realismo às feições.

Imagens retabulares, talvez pelo porte, possuem pastíglgio de variados motivos, normalmente aplicados nas bordas dos mantos e túnicas. As imagens pequenas ou de oratórios, em sua grande maioria, não possuem pastíglgio, mas ganham delicadas rendas douradas que, extrapolando o volume da escultura, lhes proporciona impressionante leveza.

Esculpidas por artistas diversos, as imagens estudadas atestam o prestígio deste pintor por vários santeiros e devotos. Obras de Antônio Francisco Lisboa, Mestre de Piranga e Valentim Corrêa Paes,⁴ artistas de regiões distantes para as Minas de fins do século XVIII e início do XIX, chegaram até suas mãos para a execução dos trabalhos de policromia.

Joaquim José da Natividade vem se revelando, a cada dia, um dos grandes gênios do Barroco Mineiro, não só pela qualidade de sua obra mas também pelo tamanho de seu legado. Poucos artistas foram tão polivalentes e conseguiram atravessar quase dois séculos de “desmemória” com um acervo tão vasto e quase intocado. A necessidade de se aprofundar nas pesquisas documentais para resgatar maiores informações sobre sua vida se torna imprescindível, mas disto independe o reconhecimento de seu trabalho e a reverência da qual é merecedor.

